

ALERTA DO TCU NO INSS

Acervo Elizabeth Florida



O RISCO INVISÍVEL DE MANTER ACESSOS ATIVOS DE EX-FUNCIONÁRIOS E FORNECEDORES EM SISTEMAS CORPORATIVOS

▶▶▶ [Leia na página 8](#)

O risco financeiro da IA não está só no erro, está na influência invisível

O principal medo sobre IA costuma ser a resposta errada. No mercado financeiro, esse risco existe. Mas talvez não seja o mais perigoso.

Uma IA não precisa mentir para afetar uma decisão econômica. Pode ordenar opções, destacar um ativo, omitir outro, sugerir uma corretora, tratar uma tese com entusiasmo e outra com cautela. Em uma interação isolada, parece uma recomendação. Em milhões de interações, pode virar fluxo. E o fluxo vira preço.

Quando a IA passa a ser camada de decisão, ela não apenas informa. Seleciona, compara, recomenda e executa. A pergunta incômoda é: quando uma IA recomenda um ativo financeiro, quem está falando? O modelo? A política da plataforma? Um acordo comercial? Uma fonte priorizada? Um conteúdo externo manipulado?

O problema cresce com os agentes de IA. Um chatbot responde. Um agente pesquisa, acessa sistemas, interpreta documentos e aciona ferramentas. Nesse ambiente, o prompt deixa de ser apenas comando. Vira uma interface de poder.

É aqui que entra o prompt injection. A OWASP classifica essa vulnerabilidade como um dos principais riscos em aplicações com LLMs. No caso indireto, instruções maliciosas podem estar em sites, arquivos ou mensagens consumidas pela IA e alterar seu comportamento sem que o usuário perceba. A OWASP também cita riscos como acesso não autorizado a funções, execução de comandos em sistemas conectados e manipulação de decisões críticas.

Para o mercado financeiro, isso não é detalhe técnico. Imagine uma IA usada para resumir relatórios, acompanhar fatos relevantes ou apoiar investidores. Se o sistema consome fontes manipuladas, a resposta final pode ser influenciada por uma instrução invisível. A indução pode surgir como ênfase, omissão ou ranqueamento enviesado.

Um caso recente no mercado cripto mostra como esse risco deixa de ser teórico. Um hacker conseguiu induzir o agente autônomo Bankr,



Felipe Negri

Imagine uma IA usada para resumir relatórios, acompanhar fatos relevantes ou apoiar investidores. Se o sistema consome fontes manipuladas, a resposta final pode ser influenciada por uma instrução invisível. A indução pode surgir como ênfase, omissão ou ranqueamento enviesado.

em uma interação envolvendo o Grok, a enviar 3 bilhões de tokens DRB, então avaliados em US\$ 213 mil, cerca de R\$ 1 milhão. A instrução teria sido ofuscada em código Morse, fazendo o sistema interpretar a mensagem como uma ordem de transferência, e não apenas como texto a ser decodificado.

O ponto mais importante não é o código Morse. É a lógica por trás dele. Se um comando escondido consegue atravessar a camada de proteção e acionar uma transferência, o problema está na fragilidade de sistemas que

misturam linguagem, interpretação e execução financeira.

A disputa entre o governo Trump e a Anthropic mostra outro lado. O impasse envolveu a recusa da empresa em flexibilizar salvaguardas para uso militar irrestrito de seus modelos. O ponto não era apenas acesso à tecnologia, mas a tentativa de contornar limites criados para impedir usos sensíveis, como armas autônomas e vigilância doméstica em massa.

No mercado financeiro, a lógica é ainda mais delicada. Uma IA não precisa dizer “compre esta ação”. Basta, em milhões de interações, tratar ativos como mais promissores, produtos como mais adequados ou plataformas como mais confiáveis. A influência pode ser distribuída, gradual e difícil de rastrear.

Guardrails severos não são excesso de cautela. São a fronteira entre informação, recomendação, venda, indução e manipulação. Não se trata de travar inovação. Sistemas de IA aplicados a finanças precisam ter limites claros sobre o que podem sugerir, como podem ranquear produtos, quais fontes podem usar, quando devem acionar supervisão humana, quais respostas devem bloquear e como cada interação será auditada depois.

A próxima grande discussão sobre IA financeira talvez não seja se ela acerta ou erra uma previsão. Será se está criando um novo canal de indução econômica sem transparência suficiente.

Porque o erro grosseiro aparece. O risco mais perigoso é a IA parecer razoável, técnica e neutra enquanto empurra, pouco a pouco, decisões econômicas em uma direção que ninguém está auditando.

No Pinbank, o especialista em estratégia de dados pela Universidade da Califórnia assumiu como CEO, em 2022, com foco em inovação e abertura de novos mercados, inserindo a instituição financeira no circuito do DREX, pix e adquirentes diretos, cartões de crédito e contas digitais.

(Fonte: Felipe Negri é CEO do Pinbank).

Negócios em Pauta

Leve Saúde



Leve Saúde vence o Prêmio Excelência da Saúde 2026 na categoria Gente & Gestão

A Leve Saúde é a vencedora do Prêmio Excelência da Saúde 2026 na categoria Gente & Gestão, com o case "O Ecossistema de Desenvolvimento da Leve Saúde para a Excelência Assistencial". A operadora também concorreu na categoria Tecnologia, com um case baseado em inteligência artificial aplicada à experiência do beneficiário. A premiação ocorreu neste sábado (19), durante o Jantar de Gala do Healthcare Conference 2026. O case vencedor reúne ações implementadas nas Leve Clínicas e na central de atendimento Fale Leve. A estratégia inclui o padrão de atendimento "Jeito Leve de Encantar", treinamentos de regulação e iniciativas de saúde mental por meio do Leve Mente. As iniciativas contribuíram para a geração de R\$ 1,23 milhão em valor para a companhia em 2025, considerando a internalização de programas e ganhos de produtividade (www.levesaude.com.br). ▶▶▶ [Leia a coluna completa na página 3](#)

News@TI

Divulgação: <https://liveindustria.senior.com.br/>



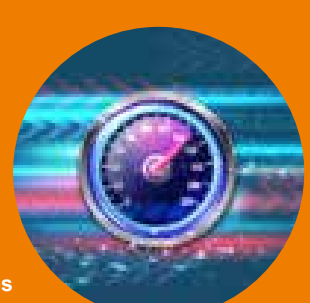
Evento gratuito debate tecnologias e desafios para evolução da logística industrial

@Reforma Tributária, escassez de mão de obra e desafios de entregas ao consumidor final são alguns dos desafios que a frente de logística do setor industrial vem enfrentando nos últimos anos. Para discutir as tecnologias e soluções que devem moldar o segmento nos próximos anos, a Senior Sistemas promove, no dia 15 de outubro, a partir das 14h, a Senior Live Indústria, com o tema Insights, tendências e tecnologias para uma indústria mais competitiva. As inscrições são gratuitas na página. O evento nasce em um momento de transformação para o setor industrial brasileiro. Empresas do segmento enfrentam simultaneamente múltiplas frentes de mudança, trazendo a necessidade de adoção de novas tecnologias e tomada de decisão rápida. Para Anderson Benetti, Head de Produto de Logística da Senior, reunir especialistas para discutir esses temas é fundamental diante da velocidade das mudanças que o setor enfrenta (<https://hubs.ly/Q04xN6-20>). ▶▶▶ [Leia a coluna completa na página 2](#)

Automóveis

Via Digital Motors

Por Lucia Camargo Nunes



▶▶▶ [Leia na página 6](#)

O pequeno varejista não precisa de uma agência para fazer marketing

O pequeno varejista não precisa de uma grande agência para fazer marketing, mas precisa parar de acreditar que marketing é sinônimo de grandes campanhas, produções sofisticadas e altos investimentos. ▶▶▶

Eleições não deveriam mudar sua estratégia financeira

A cada ciclo eleitoral, o mercado financeiro entra em estado de atenção. Bolsa, câmbio e juros reagem às pesquisas e às expectativas sobre política fiscal, inflação e contas públicas. ▶▶▶

O que a IA exige de um líder hoje?

Nos últimos meses, uma pergunta passou a fazer parte das conversas de praticamente todos os executivos: como preparar as empresas para aproveitar o potencial da inteligência artificial? ▶▶▶

IA virou commodity? Por que apenas ter IA não diferencia mais nenhuma empresa

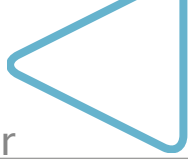
Com a popularização e o boom da IA, empresas têm apresentado a inteligência artificial como prova de inovação. Chatbots, assistentes internos e ferramentas de geração de conteúdo ganharam espaço em estratégias corporativas. Essa fase, porém, chegou ao limite. A IA continua transformadora, mas o simples acesso à tecnologia deixou de representar uma vantagem competitiva. ▶▶▶

Para informações sobre o

MERCADO FINANCEIRO

faça a leitura do QR Code com seu celular





OPINIÃO

Trocar de celular todo ano ainda vale a pena? Ciclo de uso se aproxima de quatro anos

Stephanie Peart (*)

Durante anos, o mercado de smartphones funcionou em torno de uma lógica simples: a cada nova geração, surgia um motivo para trocar de aparelho. Uma câmera melhor, um processador mais rápido, uma tela mais avançada ou algum novo recurso ajudavam a sustentar o ciclo de renovação.

Mas esses argumentos começam a perder força. Os smartphones chegaram a um nível de maturidade tecnológica em que, para muitos consumidores, um aparelho de dois ou três anos ainda atende bem às tarefas cotidianas. Redes sociais, aplicativos bancários, streaming, mensagens, fotografia e ferramentas de trabalho continuam funcionando em dispositivos que já não são os mais recentes do mercado.

Segundo a Counterpoint Research, o ciclo global de substituição dos smartphones está se aproximando de quatro anos, tendência que deve continuar em 2026 e 2027. A consultoria relaciona esse movimento ao aumento dos preços provocado pelos custos de memória e outros componentes. A maturidade dos aparelhos e as diferenças cada vez mais incrementais entre algumas gerações também ajudam a reduzir a urgência da troca.

Ao mesmo tempo, os smartphones ficaram mais caros. Quando o custo de uma troca aumenta e a diferença de experiência entre duas gerações diminui, a decisão de substituir o celular deixa de ser automática. O consumidor passa a perguntar o que realmente ganharia trocando o aparelho naquele momento.

Para a indústria, isso representa uma mudança importante. Se antes era suficiente convencer o consumidor de que o próximo aparelho era melhor, agora será necessário mostrar em quais características ele é significativamente superior.

A inteligência artificial pode ser parte dessa resposta, mas

um novo recurso só estimula a troca quando oferece uma diferença perceptível na rotina. A presença da tecnologia no aparelho, por si só, não garante que o consumidor reconheça valor suficiente para pagar por uma nova geração.

Por isso, talvez estejamos entrando em uma fase de menos trocas automáticas e mais tempo de uso. Isso não significa necessariamente menos oportunidades para o mercado. Um consumidor que permanece mais tempo com o mesmo smartphone tende a dar mais importância a seguro, assistência técnica, reparo, substituição da bateria e serviços que preservem o funcionamento e o valor do aparelho.

Modelos de assinatura também precisam acompanhar essa transformação. A possibilidade de trocar o aparelho pode continuar existindo, mas não precisa ser tratada como uma obrigação anual. O valor do serviço passa a estar também na proteção, na assistência e na liberdade de escolher entre continuar com o dispositivo ou fazer a substituição quando houver uma necessidade real.

É uma mudança de perspectiva. O sucesso de um smartphone pode deixar de ser medido apenas pelo número de unidades vendidas em cada lançamento e passar a considerar quanto tempo o dispositivo permanece relevante, reparável e útil — inclusive quando passa de um usuário para outro.

A indústria terá de se adaptar a um consumidor menos impulsivo e mais racional. Em vez de criar uma necessidade de troca a cada ano, terá de construir valor suficiente para que uma nova geração represente, de fato, um salto.

O smartphone pode estar ficando bom demais para ser trocado todo ano. E talvez essa seja uma boa notícia. O desafio daqui para frente será fazer cada aparelho durar mais e valer mais a pena enquanto estiver em suas mãos.

(*) CEO da Leapfone, startup pioneira no conceito de Phone as a Service e na oferta de smartphones como novos por assinatura. - E-mail: leapfone@nbpress.com.br.



News@TI

Teletex firma parceria com Vectra AI

@A Teletex, integradora brasileira de tecnologia com 40 anos de mercado, anuncia uma parceria com a Vectra AI, empresa especializada em segurança e observabilidade baseadas em inteligência artificial. O acordo incorpora ao portfólio da Cybercare, unidade de cibersegurança da Teletex, recursos avançados de Network Detection and Response (NDR) voltados à identificação e interrupção de ataques em ambientes híbridos e multicloud. A parceria combina a tecnologia e a expertise da Vectra AI em detecção e resposta a ameaças com a presença nacional, a capacidade de integração e os serviços da Teletex. As empresas atuarão de forma complementar ao longo da jornada dos clientes, desde a adoção e implementação das soluções até o uso da plataforma e a evolução das estratégias de detecção e resposta a ameaças.

SuperApp russo torna-se elemento de controle da sociedade

SuperApps, ou superaplicativos, são plataformas que reúnem múltiplas funcionalidades em um único software, dispensando a necessidade de baixar diversos aplicativos diferentes.

Vivaldo José Breternitz (*)

Nos últimos meses, usar a internet na Rússia tornou-se algo cada vez mais controlado pelo governo: WhatsApp e Telegram enfrentam novas restrições, VPNs tem sido bloqueadas e, desde setembro de 2025, os novos smartphones e tablets vendidos no país trazem um SuperApp pré-instalado destinado a concentrar grande parte das comunicações e dos serviços cotidianos como operações bancárias e acesso a serviços públicos.

Esse SuperApp, chamado Max, nasceu com a promessa de simplificar a burocracia, mas segundo o jornal britânico *The Guardian*, vai muito além: consegue capturar telas e acessar informações sobre as transações efetuadas por seus usuários; foi desenvolvido pela VK, grupo russo proprietário da rede VKontakte e estreitamente ligado ao governo.

Nos últimos 18 meses, as autoridades aceleraram sua difusão, apresentando-o como alternativa nacional ao Telegram e ao WhatsApp. Funcionários públicos, professores, estudantes e escolas são pressionados a utilizar a plataforma, o que fez, a partir de meados desse ano, o Max tornar-se o aplicativo mais usado no país.



mediaphotos_CANVA

O crescimento do Max coincide com o fechamento progressivo do espaço digital russo, fazendo com que uma fatia crescente das comunicações e dos serviços cotidianos passe por infraestruturas controladas pelo governo, evidenciando um ataque à democracia, como denuncia a Human Rights Watch, ONG internacional focada na investigação, defesa e promoção

dos direitos humanos em todo o mundo.

Final, regular e controlar as redes sociais e as plataformas digitais é o sonho de todo governo com vocação totalitária.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitzz@gmail.com.

Password spraying transforma senhas comuns em porta de entrada para ataques

Nem todo ataque cibernético precisa testar milhares de combinações até descobrir uma senha. Em alguns casos, os criminosos fazem justamente o contrário: escolhem poucas senhas, normalmente entre as mais comuns e previsíveis, e tentam utilizá-las em uma grande quantidade de contas. É assim que funciona o chamado *password spraying*.

A estratégia explora um problema antigo da segurança digital que continua atual: o uso de credenciais fracas ou repetidas. Combinações como “123456”, “admin” e outras senhas previsíveis podem parecer erros básicos, mas continuam representando uma oportunidade para invasores.

A diferença em relação a um ataque tradicional de força bruta está justamente na forma de atuação. Em vez de realizar inúmeras tentativas contra uma única conta, comportamento que tende a acionar mecanismos de bloqueio, o *password spraying* distribui as tentativas entre diferentes usuários. Isso pode dificultar a identificação da atividade maliciosa e permitir que o ataque permaneça mais tempo sem ser percebido.

O problema não se restringe às senhas escolhidas pelos funcionários. Credenciais padrão mantidas em equipamentos, aplicações, firewalls, pontos de acesso e outros componentes da infraestrutura também podem ampliar a superfície de ataque de uma organização. Por isso, tratar segurança de credenciais apenas como uma responsabilidade individual do usuário é insuficiente. A medida que uma empresa acumula sistemas, aplicações e diferentes níveis de acesso, a gestão dessas identidades passa a ser uma questão de segurança corporativa.

Um dos principais mecanismos de proteção é a adoção de senhas longas, únicas e difíceis de adivinhar. A reutilização da mesma credencial em diferentes serviços merece atenção especial: quando uma senha é comprometida, o risco pode se espalhar para outras contas nas quais a mesma combinação tenha sido utilizada.



Divulgação ADDEE

Rodrigo Gazola, CEO da ADDEE.

A autenticação multifator acrescenta outra barreira importante. Mesmo que um criminoso consiga descobrir uma senha válida, ainda precisará superar uma segunda etapa de autenticação. Para contas com acesso a informações sensíveis ou privilégios administrativos, essa camada se torna ainda mais relevante.

Também é necessário olhar para o comportamento da rede. Uma tentativa isolada de autenticação pode não despertar atenção. Diversas tentativas semelhantes distribuídas entre diferentes contas, entretanto, podem revelar um padrão. Monitoramento de logs, políticas de acesso e mecanismos capazes de identificar comportamentos anormais são fundamentais para perceber esse tipo de movimentação.

Há ainda um componente humano que nenhuma tecnologia resolve sozinha. Funcionários precisam entender por que não devem reutilizar credenciais, como reconhecer tentativas de obtenção de senhas e qual procedimento seguir quando suspeitam que uma conta tenha sido comprometida.

O tamanho desse risco pode ser percebido nos bancos de dados que reúnem informações sobre vazamentos já conhecidos. O *Have I Been Pwned*, por exemplo, permite

consultar se determinado endereço de e-mail apareceu em incidentes públicos e também verificar se uma senha já foi encontrada em bases de credenciais expostas.

O histórico mostra por que esse cuidado importa. Em 2013, um ataque contra a Adobe comprometeu dados de milhões de contas, incluindo informações relacionadas a usuários e senhas. Casos dessa dimensão ajudaram a formar enormes bases de credenciais que podem posteriormente ser utilizadas por criminosos em novas tentativas de invasão.

Isso cria um efeito em cadeia. Uma senha exposta anos atrás pode continuar representando risco hoje caso ainda seja utilizada pelo mesmo usuário em algum serviço. O problema deixa de estar restrito à empresa originalmente atacada e acompanha a credencial enquanto ela continuar ativa.

O *password spraying* mostra que cibersegurança nem sempre é uma disputa envolvendo técnicas extremamente sofisticadas. Muitas vezes, o invasor procura justamente o caminho mais simples: uma senha previsível, uma credencial esquecida ou uma conta sem proteção adicional.

A resposta, portanto, também precisa começar pelo básico bem executado. Senhas únicas e robustas, autenticação multifator, gestão adequada de credenciais, monitoramento de acessos, treinamento das equipes e políticas claras de segurança precisam funcionar em conjunto.

Nenhuma dessas medidas, isoladamente, elimina o risco. Segurança cibernética depende de camadas. E quanto mais difícil for para um invasor transformar uma única credencial comprometida em acesso à infraestrutura da empresa, menor será a chance de uma senha aparentemente banal se tornar o início de um incidente muito maior.

(Fonte: Rodrigo Gazola é CEO da Addee, empresa especializada em soluções de tecnologia e cibersegurança).

Editoriais

Economia: Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br)
Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/ Espaço empresarial: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br);
Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterioralph.com.br)
Comercial: comercial@netjen.com.br
Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; *Editoração Eletrônica:* Ricardo Souza.
Revisão: Maria Cecília Camargo; *Serviço informativo:* Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080
Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)
Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90
JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)
Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.

Holding familiar e patrimonial. A reforma tributária vai alterar as vantagens?

Para especialista na área, proteção continuará

Apesar das mudanças trazidas pela Reforma Tributária, a criação de holdings familiares e patrimoniais continua sendo uma estratégia relevante para famílias empresárias e proprietários de bens. É este o entendimento do advogado Jossan Batistute, especialista em questões sucessórias e patrimoniais. Para ele, mesmo com a reforma tributária permanecem preservados os principais benefícios dessas estruturas, a exemplo de planejamento sucessório, organização patrimonial, governança familiar e redução de conflitos entre herdeiros.

O cenário, contudo, exige uma análise mais criteriosa, já que a partir de 2027 entram em vigor novas regras relacionadas a novos tributos como CBS (Contribuição sobre Bens e Serviços) e IBS (Imposto sobre Bens e Serviços), enquanto alterações legislativas ocorridas em janeiro deste ano também influenciarão na tributação pelos estados quanto às transmissões patrimoniais.

“Embora impacte diretamente na tributação dessas estruturas, a Reforma Tributária não elimina as vantagens das holdings. O principal erro é analisar a



Jossan Batistute.

holding apenas pela ótica da economia tributária. O planejamento sucessório, a proteção da continuidade dos negócios familiares, a redução da burocracia em processos de inventário, ou até o quase total esvaziamento desse instrumento, e a definição prévia de regras para a sucessão continuam sendo diferenciais importantes, independentemente das mudanças tributárias”, afirma o sócio do Escritório Batistute Advogados.

Tipos de holdings

O especialista explica que a holding familiar e a holding patrimonial têm

objetivos semelhantes, mas não são exatamente a mesma coisa. A holding familiar é uma estrutura criada para concentrar a administração do patrimônio de uma família, facilitando o planejamento sucessório, a definição de regras de governança e a transferência organizada dos bens aos herdeiros. Já a holding patrimonial tem foco específico na gestão de imóveis e outros ativos patrimoniais, permitindo centralizar a administração, locação e eventual exploração econômica desses bens por meio de uma pessoa jurídica. Em muitos casos, uma mesma empresa pode reunir características dos dois modelos.

Ao final, a recomendação de Jossan Batistute é que famílias empresárias e proprietárias de patrimônios relevantes não abandonem a estratégia das holdings, mas revisem suas estruturas à luz das novas regras. “A Reforma Tributária altera a forma de tributação de determinadas operações, especialmente no mercado imobiliário, mas não elimina benefícios ligados à governança, à organização patrimonial e à sucessão familiar”, completa.

Climatização afeta saúde e negócios

Quando um ambiente está quente, a percepção mais imediata é buscar uma forma de resfriá-lo. Mas, por trás da temperatura agradável de uma sala, do conforto de um hotel, das condições de um hospital ou da conservação de produtos em uma indústria, existe uma cadeia de tecnologias, equipamentos e processos muito mais ampla.

Climatização não significa apenas diminuir a temperatura. Envolve qualidade do ar, renovação e filtragem, eficiência energética, manutenção, automação, controle, segurança e desempenho dos sistemas, questões que ganham características diferentes de acordo com o ambiente e a atividade em que estão inseridas.

E é exatamente esta amplitude que será evi-

denciada na Febrava RIO, que acontece de 6 a 8 de outubro no Riocentro (RJ). Em sua primeira edição na cidade, o evento reunirá empresas, especialistas e profissionais do setor de Aquecimento, Ventilação, Ar-Condicionado e Refrigeração (AVAC-R) e de segmentos que dependem diretamente dessas soluções em suas operações.

“Quando falamos em climatização, muitas vezes pensamos apenas em conforto térmico. Mas o setor está diretamente relacionado a questões que impactam a operação, a eficiência e até a qualidade dos ambientes em diferentes atividades econômicas. E a Febrava RIO nasce justamente com a proposta de aproximar esses universos”, destaca Tatiana Rassini, gerente geral da Febrava RIO.

FIDCs podem impulsionar financiamento de empresas

Os FIDCs estão às vésperas de alcançar R\$ 1 trilhão em patrimônio no Brasil. Trata-se de marco inédito para uma indústria que ganhou escala rapidamente no financiamento da economia. Monitoramentos de mercado já apontavam cerca de R\$ 960 bilhões em patrimônio em maio e projetavam a superação do primeiro trilhão entre julho e agosto de 2026. O avanço acompanha uma mudança também na forma como as empresas buscam recursos.

Em julho, a taxa média do crédito livre para pessoas jurídicas chegou a 25,4% ao ano, enquanto as concessões às companhias recuaram 0,3% no mês. No crédito ampliado, os empréstimos do Sistema Financeiro Nacional diminuíram 0,6%, ao mesmo tempo em que os títulos de dívida securitizados avançaram 3%. Nesse cenário, os Fundos de Investimento em Direitos Creditórios deixaram de ocupar um espaço restrito no mercado de capitais e passaram a ganhar relevância como alternativa para empresas transformarem recebíveis futuros em recursos

disponíveis no presente.

Apenas no primeiro semestre de 2026, a classe registrou R\$ 30,6 bilhões em captação líquida, enquanto as emissões de FIDCs chegaram a R\$ 53,1 bilhões em 559 operações. Na prática, esses fundos podem adquirir direitos creditórios originados pela própria atividade de uma companhia, como duplicatas, parcelas de vendas, contratos e outros recebíveis, antecipando um caixa que chegaria apenas meses depois.

“O ponto central não é simplesmente trocar um empréstimo por um FIDC. É preciso entender se a empresa possui uma carteira de recebíveis com volume, qualidade e previsibilidade suficientes para transformar esses ativos em uma estrutura de financiamento que acompanhe o próprio crescimento do negócio. Quando isso acontece, o crédito deixa de depender exclusivamente do balanço da companhia e passa a olhar também para a capacidade de geração daquela carteira”, afirma Edgar Araújo, CEO da Azumi Investimentos.

Equipe preparada para decidir reduz falhas e abre caminho para operações internacionais

Thiago Santiago (*)

Em uma operação de tecnologia, um grande problema pode começar com algo simples: uma informação que não chegou à pessoa certa, uma dúvida sem resposta ou uma decisão que depende de vários níveis de aprovação. Quando essas situações se repetem, o impacto aparece nos prazos, na qualidade do atendimento e na satisfação do cliente.

Ao longo de mais de 23 anos no segmento de TI, percebi que uma das formas mais eficientes de evitar esse tipo de situação é acompanhar a equipe de perto sem transformar a gestão em centralização. A proximidade permite antecipar dificuldades e, ao mesmo tempo, criar condições para que os profissionais tenham autonomia e segurança para resolvê-las.

Foi com essa visão que conduzi uma equipe de cinco profissionais em uma multinacional do setor de bebidas. Em cinco meses, reduzimos em 60% o volume de falhas, o tempo médio de solução caiu de 30 para quatro horas e o índice de satisfação do cliente passou de 80 para 90 pontos.

Os resultados vieram de um trabalho contínuo de acompanhamento e desenvolvimento. Reuniões diárias, encontros individuais mensais e alinhamentos quinzenais ajudaram a identificar dificuldades, acompanhar a evolução dos profissionais e corrigir os pontos necessários.

Indicadores como KPIs e OKRs, aliados a metodologias como PDCA, de melhoria contínua, e Pareto, que ajuda a identificar as principais causas de um problema, orientaram as decisões. Em tecnologia, os dados ajudam a localizar falhas, entender o que funciona e definir onde é preciso agir.

Mas os indicadores, sozinhos, não bastam. Uma

equipe precisa entender por que determinada atividade é importante e como seu trabalho se relaciona com o resultado do negócio. Quando isso acontece, o profissional consegue analisar situações e tomar decisões com mais segurança.

Por isso, considero fundamental manter uma comunicação aberta, com espaço para ouvir, orientar e dar feedback. A autonomia é construída com conhecimento, acompanhamento e oportunidade para aprender. Esse processo também exige que profissionais mais experientes compartilhem conhecimento. O papel de um sênior não deve se limitar à própria entrega, mas incluir o desenvolvimento de quem está ao redor.

Esse trabalho exige tempo e dedicação, mas reduz a dependência de uma única pessoa e evita gargalos. Quando uma equipe está preparada para resolver problemas, as respostas chegam mais rápido e a operação ganha fluidez. Em uma área que enfrenta escassez de profissionais especializados, desenvolver pessoas também ajuda a manter a qualidade das entregas.

Os resultados desse processo apareceram na própria operação que coordeno. Depois da evolução dos indicadores, o atendimento, inicialmente concentrado no Brasil, passou a contemplar também México, Argentina, Chile, Paraguai e Estados Unidos.

Essa experiência reforçou duas conclusões para minha trajetória profissional: um profissional sênior também deve ser avaliado pela capacidade de desenvolver quem está ao seu redor, e uma equipe preparada para crescer é aquela que consegue resolver mais problemas sem depender dele.

(*) Thiago Santiago é Product Owner na Gateway.



nelson.tucci@netjen.com.br

Saúde Mental/Jornalistas

O estudo *Condições de Trabalho e Saúde Mental de Jornalistas no Brasil* mostra resultados alarmantes sobre a situação de adoecimento psíquico, sobrecarga e violência no exercício do jornalismo. A pesquisa aponta que mais da metade dos jornalistas apresenta sintomas de depressão (50,2%) e quase metade convive com estresse (47,8%) e insônia (47,9%). Outro dado que chama a atenção é em relação ao assédio moral: 37% afirmam ter sofrido assédio moral, enquanto 30,4% relatam ter sido vítimas de cyberbullying. O estudo foi realizado pela Fenaj - Federação Nacional de Jornalistas, em parceria com a Fundacentro.

Desarmonização Facial

Canetas emagrecedoras, “desarmonização facial”, reversão de procedimentos e responsabilidade por danos ao paciente estarão no centro da VIII Convenção Sul-Brasileira de Medicina Estética, nestas sexta e sábado, 25 e 26, em Curitiba (PR). Mais do que apresentar novidades, o encontro propõe um alerta: como evitar exageros, identificar procedimentos mal executados e saber a quem recorrer quando algo dá errado? Teatro UP Experience - Rua Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza, 5.300. <https://eventosabme.com.br/sobre-o-evento/#>

Turquia/Carbono

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) assinou na terça-feira, 22, um Memorando de Entendimento com o Conselho de Relações Econômicas Externas da Turquia para garantir a continuidade das ações climáticas e o engajamento do setor privado na transição entre as presidências sucessivas da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP). A parceria foi firmada durante a Semana do Clima de Nova Iorque (Climate Week NYC 2026) com a presença do vice-presidente da CNI, Marcelo Tomé e o ministro de Energia e Recursos Naturais da Turquia, Alparslan Bayraktar. A Turquia é o país que receberá a COP31, em novembro, e divide a presidência com a Austrália.

Escola Verde

A Nissan deu início à 2ª etapa do programa Escola Verde no município de Porto Real, no Sul Fluminense. A iniciativa de educação socioambiental, que no 1º semestre beneficiou a rede municipal da cidade, retorna às escolas e amplia seu alcance, passando a impactar, além dos 800 alunos do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, também a comunidade local. Entre as novidades desta etapa, em parceria com a ONG Junior Achievement Rio de Janeiro, estão a doação de lixeiras para coleta seletiva para ambas as escolas e a parceria com a Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Porto Real para trazer conteúdo aos alunos e garantir a destinação correta dos resíduos gerados nas escolas.



Moda/Enxuta

Depois de construir uma trajetória de mais de quatro décadas no mercado de moda feminina, a Soulier entra em uma nova etapa. Com mais de 35 operações em funcionamento no Brasil, a marca carioca está redesenhando sua estratégia de expansão para ganhar escala por meio do franchising e de formatos de operação mais enxutos. A meta é chegar a 100 lojas nos próximos anos, ampliando a presença da marca em diferentes regiões do país. O plano de expansão também vem acompanhado de metas financeiras ambiciosas: a empresa projeta encerrar 2026 com R\$ 70 milhões em faturamento e alcançar R\$ 100 milhões em 2027, impulsionada pela abertura de novas franquias, fortalecimento da operação e crescimento da recorrência de clientes. “Olhamos para a expansão de uma maneira mais estratégica. O quiosque nos permite testar e entrar em novos mercados com uma estrutura mais leve, mantendo a identidade e a experiência da Soulier”, diz Rodrigo Fávero, CEO da Soulier.

Porto/Recorde

O Porto de Suape acaba de alcançar uma marca inédita em sua história. Agosto de 2026 fechou com 2.726.020 toneladas de cargas movimentadas, o maior volume já registrado pelo atracadouro pernambucano em um único mês. O resultado supera o recorde anterior, também alcançado em agosto, há dois anos, quando passaram pelo porto 2.670.132 toneladas. Os graneis líquidos foram os principais responsáveis pelo novo patamar. No mês, foram operadas 1.976.745 toneladas,

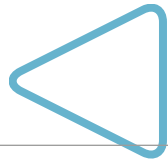
o equivalente a 72,5% de toda a movimentação e a um acréscimo de 61% em relação ao mesmo período de 2025.

ChatGPT, Claude e Grok

A idEver, empresa de soluções do relacionamento com clientes para supermercadistas, acaba de lançar o MCP idEver, primeira solução do segmento que conecta ferramentas como ChatGPT, Claude e Grok às informações do CRM integradas aos ERPs e pontos de venda das redes. Cricaré, Delta, Nordestão e Tonin devem ser as primeiras redes varejistas de alto giro no Brasil a testar a solução. A tecnologia cruza o histórico de consumo e entrega análises para aumentar a eficiência das campanhas e fortalecer a negociação com a indústria. Na prática, o MCP idEver transforma milhões de registros de compras, em operações que podem reunir mais de 14 mil SKUs, em respostas de negócio. “A inteligência artificial amplia o valor econômico do CRM porque leva os dados a quem define a estratégia”, diz Thiago Spejo, CEO da idEver.

Congresso/Nutrologia

De 24 (quinta) a 26 (sábado) deste mês acontece o XXX Congresso Brasileiro de Nutrologia (CBN 2026), em sua 30ª edição. São esperados 4 mil participantes no Centro de Convenções Frei Caneca. Promovido pela Associação Brasileira de Nutrologia (ABRAN), o encontro é considerado o maior do mundo na especialidade e coloca em discussão temas como obesidade, diabetes, metabolismo, alimentação, longevidade e saúde da mulher.



Biometria vascular ganha espaço como nova camada de segurança diante do avanço dos deepfakes

Tecnologia que identifica o padrão das veias da palma da mão pode dificultar determinados tipos de fraude, mas especialistas alertam que segurança depende de toda a arquitetura de autenticação

O avanço da inteligência artificial e a sofisticação dos golpes envolvendo imagens e identidades estão impulsionando uma nova corrida tecnológica no campo da autenticação. Se o reconhecimento facial se consolidou como uma das principais ferramentas de identificação, a exposição crescente do rosto em fotografias, vídeos e redes sociais também ampliou os desafios para esse modelo. Nesse cenário, a biometria vascular da palma da mão começa a ganhar espaço como uma alternativa capaz de acrescentar uma nova camada de segurança.

Essa tendência também aparece nas projeções para o mercado. Segundo levantamento da Research and Markets publicado em 2026, o mercado global de biometria vascular da palma deve movimentar US\$ 1,44 bilhão neste ano, ante US\$ 1,23 bilhão em 2025, crescimento de 17,1%. A estimativa é que o segmento alcance US\$ 2,69 bilhões até 2030, impulsionado pela expansão de aplicações em autenticação, controle de acesso, saúde, serviços financeiros e infraestrutura de segurança.

A tecnologia utiliza sensores ópticos e infravermelhos para identificar o padrão das veias localizado sob a pele e, em algumas implementações, analisa sinais relacionados à circulação sanguínea. Como essas características não estão visíveis externamente, sua captura indevida tende a ser mais difícil do que a reprodução de uma imagem facial.

Mas, segundo Nathália Carmo, COO (Diretora de Operações) e sócia da IAM Brasil, especialista em segurança de identidade, uma biometria mais difícil de falsificar não significa que o sistema esteja protegido contra ataques. “Mais difícil de falsificar não significa impossível de comprometer. A tecnologia reduz alguns riscos, mas também desloca a superfície de ataque.”

Na prática, isso significa que o criminoso pode deixar de tentar reproduzir diretamente uma característica física e passar a explorar outras partes da infraestrutura. Sensores, softwares, APIs, comunicação com servidores, bancos de templates biométricos e processos de cadastramento podem se tornar novos alvos.

Um dos pontos mais sensíveis é justamente o enrolment, etapa em que a biometria é associada à identidade de uma pessoa. Caso um fraudador consiga cadastrar a própria biometria em nome de outra pessoa, o sistema



poderá reconhecer aquela fraude com extrema precisão.

“Não basta ter um bom sensor: é necessário garantir prova de identidade, integridade do dispositivo e rastreabilidade durante todo o cadastramento”, explica Nathália.

Outro aspecto que precisa ser considerado são as taxas de falsa aceitação e falsa rejeição. Resultados obtidos por fabricantes em ambientes controlados precisam ser validados de maneira independente e submetidos a testes em condições reais de uso. Iluminação, posicionamento da mão, características fisiológicas, condições do sensor e diferentes perfis de usuários podem interferir no desempenho.

Também é necessário avaliar a resistência da tecnologia a ataques de apresentação, injeção de dados, simulação de sensores e repetição de transações legítimas. Ou seja, a precisão do algoritmo é apenas uma parte da equação de segurança.

Do ponto de vista arquitetural, a recomendação é evitar, sempre que possível, o armazenamento da imagem bruta da mão. O ideal é utilizar uma representação matemática protegida, não reversível e, quando possível, renovável em caso de comprometimento. Esse template deve contar com criptografia, segregação de chaves, controle de acesso privilegiado, trilhas de auditoria, monitoramento, limitação de tentativas e políticas claras de retenção e eliminação.

A forma como essa informação é armazenada também pode determinar o impacto de um eventual incidente. A verificação local, vinculada a um dispositivo confiável, tende a representar um risco menor do que a manutenção de uma grande base biométrica centralizada. Embora uma base única possa facilitar a operação, ela também concentra um volume elevado de in-

formações sensíveis e pode ampliar o impacto de um vazamento.

Outro ponto fundamental é compreender que a biometria não substitui toda a estratégia de autenticação. Em operações de maior risco, ela pode ser combinada a um fator de posse, como um dispositivo ou uma chave criptográfica, além de sinais contextuais relacionados a comportamento, localização, integridade do equipamento e valor da transação.

“Biometria confirma uma característica física, mas não substitui toda a estratégia de autenticação.”, reforça a especialista.

A segurança também precisa alcançar o processo de recuperação de contas. Muitas vezes, o mecanismo principal de autenticação é robusto, mas o canal utilizado para recuperar o acesso pode apresentar vulnerabilidades, como perguntas pessoais, SMS ou atendimento suscetível à engenharia social. Nesse cenário, o criminoso não precisa necessariamente quebrar a biometria: pode simplesmente contorná-la.

Além dos aspectos tecnológicos, a adoção da biometria vascular envolve questões relacionadas à proteção de dados. Por se tratar de dado pessoal sensível, seu tratamento exige atenção às regras da LGPD, incluindo finalidade específica, necessidade, transparência, proteção desde a concepção, definição de prazos de retenção, avaliação dos fornecedores envolvidos e análise dos possíveis impactos de um incidente para os titulares.

A evolução da biometria mostra que a disputa entre mecanismos de autenticação e novas formas de fraude deve continuar acompanhando o avanço da inteligência artificial. Tecnologias como a leitura vascular podem elevar a barreira contra determinados tipos de ataques, mas sua eficácia dependerá menos da promessa de uma característica “impossível de falsificar” e mais da proteção de todo o ciclo de vida da identidade.

“Uma senha comprometida pode ser alterada. As características biológicas de uma pessoa não. Para Nathália, portanto, o debate sobre a biometria vascular precisa ir além do sensor e do algoritmo. A segurança depende da combinação entre tecnologia, governança de identidade, arquitetura, proteção dos dados e processos capazes de impedir que outras etapas do sistema se transformem em portas de entrada para os criminosos.

ser apoiada ou executada por sistemas inteligentes: pesquisar, comparar, selecionar e, mediante autorização, pagar.

Quanto mais invisível se torna o pagamento, porém, maior é a importância de segurança, autenticação, controle e prevenção a fraudes. As novas regras do Banco Central também avançam nessa frente, com mudanças relacionadas ao tratamento de suspeitas de fraude e às responsabilidades das instituições participantes do Pix.

A Pagar pode contribuir com a discussão sobre essa transformação e explicar como diferentes tecnologias estão convergindo para criar uma nova experiência de pagamentos: do Pix Automático e Open Finance aos cartões digitais, tokenização e agentes de IA.

A conversa pode abordar o que muda para consumidores e empresas, como o pagamento tende a ficar cada vez mais integrado às jornadas de consumo e gestão, quais são os limites da automação e como equilibrar conveniência, autonomia do usuário e segurança.

A inteligência operacional na cadeia de suprimentos é a "chave" para liberação do capital de giro das empresas

Francisco Loureiro (*)

O cenário macroeconômico caracterizado por juros elevados transforma a gestão de suprimentos em uma atividade central para a sustentabilidade financeira das empresas

Estoques elevados, compras desalinhadas da demanda e decisões sem embasamento comprometem a eficiência e, consequentemente, o capital de giro, pois os recursos imobilizados deixam de gerar caixa e aumentam os custos.

É nesse contexto que a inteligência operacional aplicada à cadeia de suprimentos ganha relevância. Seu valor está em transformar dados em ações de gestão, gerando impacto direto no desempenho, na liquidez e na continuidade do negócio.

Ao mesmo tempo que tem papel importante nessa estrutura, a tecnologia precisa estar conectada à realidade do negócio e às decisões que afetam o dia a dia.

O ponto de partida está na demanda real da cadeia de suprimentos

Coordenar aquisições a partir do que a operação realmente demanda permite reduzir as distorções entre necessidade e estoque, evitando que os recursos financeiros deixem de contribuir para o desempenho.

O objetivo é estabelecer uma relação mais precisa entre o que precisa ser comprado, quando a compra deve ocorrer e qual nível de disponibilidade é necessário. A inteligência operacional aproxima a decisão de aquisição da realidade e cria condições para a captura consistente de valor.

Na gestão de estoques, essa inteligência depende de informações confiáveis para apoiar a tomada de decisão. Os dados de demanda, compras, estoques e necessidades da operação precisam ser tratados como elementos estratégicos, e não apenas como registros em sistemas.

Dessa forma, o ganho empresarial surge quando os

critérios orientam decisões que podem ser monitoradas por uma rigorosa disciplina de execução dos projetos.

Execução disciplinada é parte da captura de valor na cadeia de suprimentos

O propósito da integração é gerar rentabilidade em cada etapa do processo logístico e de abastecimento. A inteligência operacional permite que a companhia antecipe cenários de consumo e coordene suas ações com previsibilidade.

Essa abordagem faz a rotina das equipes ser rigorosamente orientada pela busca ininterrupta por eficiência, o que eleva significativamente o retorno financeiro sobre os ativos.

Por exemplo: controlar o fluxo de abastecimento exige conhecer profundamente e prever com exatidão o ritmo da demanda, criando uma sintonia entre o que é comprado e o que é realmente consumido.

Estamos falando de um modelo tático que deve ser obrigatoriamente fundamentado no uso intenso de tecnologia de automação, na análise de dados qualificados e na disciplina das equipes responsáveis pela execução dos projetos. Quando adota essa diretriz, a empresa libera o capital de giro, preserva a operação e utiliza seus recursos de maneira mais racional.

Portanto, quando há bases sólidas estabelecidas na rotina corporativa, o caixa da empresa ganha fôlego sem expor a área de produção aos riscos de desabastecimento. A infraestrutura tecnológica atua como o mecanismo de medição que processa o ritmo de consumo industrial, enquanto a disciplina assegura que o planejamento estratégico seja cumprido rigorosamente.

O resultado final é uma cadeia de suprimentos notavelmente mais enxuta e alinhada com as rígidas necessidades de rentabilidade exigidas das lideranças empresariais.

(*) CEO da Tyque Consult.

Como será a próxima geração de pagamentos?

Você ainda vai precisar clicar em ‘pagar’? IA e Pix começam a mudar a forma de fazer compras e a partir do próximo ano no pagamento de salários. A forma de pagar está mudando rapidamente. Cartões físicos dão espaço a carteiras digitais, pagamentos por aproximação e soluções tokenizadas, enquanto a inteligência artificial começa a avançar para uma nova etapa: agentes de IA capazes de pesquisar produtos, comparar opções e, com autorização do usuário, concluir compras.

Agora, uma nova mudança amplia ainda mais essa discussão: o Banco Central autorizou o uso do Pix Automático a partir de contas-salário, com entrada em vigor prevista para 1º de julho de 2027. A partir da mudança, pagamentos recorrentes previamente autorizados poderão ser feitos diretamente da conta em que o trabalhador recebe o salário, ampliando as possibilidades de automação da rotina financeira.

A novidade mostra como o pagamento está deixando de ser necessariamente uma ação pontual para se tornar parte de uma experiência cada vez mais automatizada.

Se antes o consumidor precisava acessar uma conta, escolher a forma de pagamento e autorizar cada operação, novas tecnologias permitem que diferentes etapas sejam programadas ou realizadas de maneira integrada, sempre a partir das autorizações concedidas pelo usuário.

O movimento também transforma a rotina das empresas. Cartões corporativos e virtuais, integração dos pagamentos aos sistemas de gestão, Open Finance e Pix Automático tornam as transações mais conectadas à própria operação dos negócios. Ao mesmo tempo, a entrada do Pix Automático nas contas-salário amplia o debate sobre como empresas, bancos e prestadores de serviços poderão estruturar cobranças recorrentes em um ambiente no qual o pagamento acontece de forma cada vez menos perceptível para o usuário.

E é justamente aí que entra a inteligência artificial. Se o Pix Automático representa a automação de pagamentos recorrentes, os agentes de IA apontam para uma etapa em que a própria decisão de compra poderá



Corrida pelos carros elétricos pressiona redes prediais e traz novo padrão à engenharia preventiva

Com alta de 125% nas vendas de eletrificados no país, projetos residenciais de alto padrão no litoral de SC, antecipam subestações dimensionadas, medição individual nas garagens e sistemas autônomos para mitigar sobrecarga na malha pública

O avanço da mobilidade elétrica no Brasil, que registrou 215 mil veículos leves comercializados no primeiro semestre de 2026, uma alta de 125% segundo a Associação Brasileira do Veículo Elétrico (ABVE), começa a expor um desafio aos municípios: a capacidade energética dos edifícios e o impacto do consumo simultâneo sobre as redes de distribuição urbana. Em regiões de rápida expansão imobiliária e alta valorização como em Santa Catarina, onde a frota eletrificada cresceu 50% em apenas um ano, a adaptação tardia de condomínios pode provocar impasses técnicos, riscos à segurança das instalações e discussões em assembleias sobre a divisão da conta de luz coletiva.

Para evitar adaptações improvisadas que sobrecarregam transformadores locais, o setor da construção de alto padrão tem se focado em projetos de engenharia elétrica desde a fundação. Dessa forma substitui os ajustes pós-obra por subestações privativas, redes balanceadas e medição individualizada para a integridade patrimonial do condomínio e protegendo a rede pública de oscilações abruptas de demanda.

Em Itapema, no litoral catarinense, cidade que vive intensa transformação urbana, essa diretriz de responsabilidade energética molda a concepção dos novos empreendimentos de luxo da J.A Russi. O Sunny Coast, empreendimento à beira-mar da construtora traz, na sua matriz estrutural de engenharia, pontos de recarga veicular dedicados por apartamento com medição independente vinculada ao quadro de luz de cada unidade, solução que elimina conflitos tarifários entre condôminos e garante que o consumo



do veículo seja absorvido de forma segura e tecnicamente isolada.

“A transição para os veículos elétricos é irreversível, e não pode mais ser feita às custas de improvisos que comprometem a infraestrutura predial ou que transfiram custos para a coletividade do condomínio. Quando um edifício nasce com o dimensionamento elétrico planejado para a carga veicular e dispõe de medição individual, nós preservamos a estabilidade da rede local, mitigamos os riscos elétricos e oferecemos uma solução tecnicamente segura tanto para os moradores quanto para a cidade”, pontua Suzana de Fátima Russi Chiamenti, CEO da J.A. Russi.

Resiliência operacional e segurança estrutural

Além da infraestrutura de recarga veicular planejada para não pressionar a malha externa, o empreendimento integra o sistema Living Energy. Trata-se de uma central de geração dimensionada

para manter a autonomia operacional contínua do edifício em eventuais quedas de energia na rede da concessionária. A tecnologia assegura o pleno funcionamento de sistemas críticos, como bombas de recalque de água, sistemas de combate a incêndio, segurança perimetral, climatização e elevadores, sem colapsar os serviços essenciais do condomínio durante picos de instabilidade climática ou sobrecarga sazonal no litoral.

Localizado de frente para o mar, o Sunny Coast conta com VGV de R\$ 210 milhões, 55 unidades residenciais (com plantas de até 597 m²) de cerca de R\$ 9 milhões e reúne outras soluções voltadas à sustentabilidade e eficiência energética, como fachada ventilada, que reduz a carga térmica interna e a exigência contínua de ar-condicionado, e captação de água da chuva. A modelagem de engenharia elétrica preventiva também está sendo replicada em outros desenvolvimentos da marca na região, como o Saint John e o High Tower.

Marcas já podem acompanhar de forma independente quando são citadas por assistentes de IA

AppsFlyer passa a medir ChatGPT, Claude, Perplexity, Copilot, Gemini, Grok, DeepSeek, Manus além de outros 13 tradicionais mecanismos de busca. Nova mensuração permite que profissionais de marketing visualizem lado a lado o tráfego de IA orgânico e pago em dispositivos móveis e desktop, em aplicativos e na web.

A AppsFlyer anunciou hoje que expandiu sua atribuição de busca orgânica para abranger a Otimização para Mecanismos de Resposta (Answer Engine Optimization, AEO), oferecendo aos profissionais de marketing uma mensuração independente de como os clientes descobrem e retornam aos seus aplicativos por meio de mecanismos de IA, incluindo ChatGPT, Claude, Perplexity, Copilot, Gemini, Grok, DeepSeek e Manus, juntamente com 13 mecanismos de busca tradicionais, como Google, Bing, Baidu, Naver e Yandex.

“Os mecanismos de resposta baseados em IA estão se tornando uma superfície primária de descoberta, e os profissionais de marketing não tinham nenhuma maneira independente de mensurar o tráfego proveniente de AEO, muito menos identificar qual mecanismo de IA o gerou”, afirmou Gil Bouhnik, Diretor de Gestão de Produto da AppsFlyer. “Isso oferece uma visão neutra do tráfego orgânico de IA, independentemente dele ocorrer em dispositivos móveis ou desktop, em um aplicativo ou

navegador, com o mesmo rigor que aplicamos à busca há anos, agora estendido ao ChatGPT, Claude, Perplexity e aos demais mecanismos de resposta. Finalmente, os profissionais de marketing podem visualizar o que conquistaram versus aquilo pelo que pagaram, em um só lugar, mensurado sempre da mesma maneira.”

Nas plataformas que recebem tráfego pago e orgânico, os profissionais de marketing agora podem separar os dois de forma clara, isolando o verdadeiro impacto incremental de uma campanha publicitária daquilo que as menções orgânicas já estavam gerando. Isso oferece às marcas uma visão consistente e multiplataforma da descoberta impulsionada por IA, em vez de um conjunto fragmentado de números auto-reportados por cada mecanismo. A mensuração abrange o reengajamento de clientes que já possuem o aplicativo de um anunciante e a atribuição de instalações daqueles que ainda não o possuem.

A atualização segue o anúncio anterior da AppsFlyer, em 2026, sobre sua integração com os anúncios do ChatGPT, que trouxe a mensuração de aplicativos móveis para campanhas pagas no ChatGPT por meio da Conversions API da OpenAI. Juntas, as duas soluções oferecem aos profissionais de marketing uma visão completa da descoberta impulsionada por IA, paga e orgânica, em uma única plataforma.

Luizacred S.A. Sociedade de Crédito, Financiamento e Investimento

CNPJ/MF nº 02.206.577/0001-80 NIRE 35300152239
ATA SUMÁRIA DA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DE 02 DE JULHO DE 2026
DATA, HORA E LOCAL: Em 02.07.2026, às 10h00, na Rua Maria Prestes Maia, 300, sala 5A, Carandiru, em São Paulo (SP). **MESA:** Marcelo José Ferreira e Silva - Presidente; e Rubens Fogli Netto - Secretário. **QUORUM:** Totalidade do capital social. **EDITAL DE CONVOCAÇÃO:** Dispensada a publicação, conforme art. 124, §4º, da Lei nº 6.404/76 (“LSA”). **DELIBERAÇÕES TOMADAS POR UNANIMIDADE:** 1. Aprovado o aumento do capital social no valor de R\$ 96.699.460,28 (noventa e seis milhões, seiscentos e noventa e nove mil, quatrocentos e sessenta reais e vinte e oito centavos), passando este de R\$ 1.867.503.244,96 (um bilhão, oitocentos e sessenta e sete milhões, quinhentos e três mil, duzentos e quarenta e quatro reais e noventa e seis centavos), para R\$ 1.964.202.705,24 (um bilhão, novecentos e sessenta e quatro milhões, duzentos e dois mil, setecentos e cinco reais e vinte e quatro centavos), mediante a emissão de 113.408 (cento e treze mil, quatrocentos e oito) novas ações nominativas e sem valor nominal, sendo 56.704 (cinquenta e seis mil, setecentas e quatro) ações ordinárias e 56.704 (cinquenta e seis mil, setecentas e quatro) ações preferenciais, com os mesmos direitos previstos no artigo 5º, § 4º do estatuto social da Companhia, totalmente subscritas e integralizadas pelos acionistas, proporcionalmente às suas participações no capital social, ao preço de emissão de R\$ 852,66877363149, por ação, preço este fixado com base no critério previsto no artigo 170, § 1º, inciso II da LSA, conforme segue: (i) a acionista Itaú Unibanco Holding S.A. subscreviu e integralizou 28.352 (vinte e oito mil, trezentas e cinquenta e duas) ações ordinárias e 28.352 (vinte e oito mil, trezentas e cinquenta e duas) ações preferenciais, ao preço de emissão de R\$ 852,66877363149, por ação, totalizando o montante integralizado de R\$ 48.349.730,14 (quarenta e oito milhões, trezentos e quarenta e nove mil, setecentos e trinta reais e quinze centavos), nos termos do Boletim de Subscrição; e (ii) a acionista Magazine Luiza S.A. subscreviu e integralizou 28.352 (vinte e oito mil, trezentas e cinquenta e duas) ações ordinárias e 28.352 (vinte e oito mil, trezentas e cinquenta e duas) ações preferenciais, ao preço de emissão de R\$ 852,66877363149, por ação, totalizando o montante integralizado de R\$ 48.349.730,14 (quarenta e oito milhões, trezentos e quarenta e nove mil, setecentos e trinta reais e quinze centavos), nos termos do Boletim de Subscrição. 1.1. Registrado que o montante integralizado pelos acionistas será recolhido ao Banco Central do Brasil (“BACEN”) e permanecerá indisponível até a homologação deste aumento de capital pelo BACEN, nos termos do artigo 27, §1º, da Lei nº 4.595/64. 2. Como consequência das deliberações anteriores, o *caput* do art. 5º do Estatuto Social da Companhia passará a ser assim redigido: “Artigo 5º- O capital social é de R\$ 1.964.202.705,24 (um bilhão, novecentos e sessenta e quatro milhões, duzentos e dois mil, setecentos e cinco reais e vinte e quatro centavos), dividido em 2.794.064 (dois milhões, setecentas e noventa e quatro mil e sessenta e quatro) ações, sendo 1.397.032 (um milhão, trezentas e noventa e sete mil e trinta e duas) ações ordinárias e 1.397.032 (um milhão, trezentas e noventa e sete mil e trinta e duas) ações preferenciais, todas nominativas, sem valor nominal”. 3. Consolidado o Estatuto Social, que, considerando a alteração anteriormente deliberada, passará a ser redigido na forma rubricada pelos presentes e a vigorar após a homologação das deliberações desta Assembleia pelo BACEN. **CONSELHO FISCAL:** Não houve manifestação do Conselho Fiscal, por não se encontrar em funcionamento. **ENCERRAMENTO:** Encerrados os trabalhos, lavrou-se esta ata que, lida e aprovada por todos, foi assinada. São Paulo (SP), 02 de julho de 2026. (aa) Marcelo José Ferreira e Silva - Presidente; e Rubens Fogli Netto - Secretário. **Acionistas:** Itaú Unibanco Holding S.A. (aa) Rubens Fogli Netto - Diretor; Magazine Luiza S.A. (aa) Roberto Bellissimo Rodrigues e Maria Isabel Bonfim de Oliveira - Diretores. Certificamos ser a presente cópia fiel da original lavrada em livro próprio. São Paulo (SP), 02 de julho de 2026. (aa) Marcelo José Ferreira e Silva - Presidente; e Rubens Fogli Netto - Secretário. JUCESP sob nº 348.729/26-1, em 14.09.2026. (a) Marina Centurion Dardani - Secretária Geral.

Agroeldorado Atividades Rurais Ltda.

CNPJ/MF 66.640.453/0001-90 - NIRE 35.270.516.271
EDITAL DE CONVOCAÇÃO - Reunião de Sócios
Ficam convocados os Senhores Sócios da Agroeldorado Atividades Rurais Ltda. (“Sociedade”) na forma do artigo 1.152, §3º da Lei 10.406/2002 a comparecerem à Reunião de Sócios da Sociedade a ser realizada presencialmente no dia 05 de outubro de 2026, às 12:00 horas, na sede da Sociedade, localizada na Rua Alexandre Aliperti, nº 340, 2º andar, Água Funda, Cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, CEP 04156-900, para deliberarem sobre as seguintes matérias constantes da Ordem do Dia: (i) correção do CEP que consta na referência à sede social da Sociedade; (ii) alteração da composição da administração da Sociedade; e (iii) consolidação do Contrato Social da Sociedade. O aviso de convocação foi encaminhado aos sócios da Sociedade na forma da Cláusula Vigésima Segunda, Parágrafo Primeiro do Contrato Social da Sociedade. São Paulo/SP, 24 de setembro de 2026. **Agroeldorado Atividades Rurais Ltda.** - Por: Valério Dalla Valle - Cargo: Diretor-Presidente.

S/A AGRO INDUSTRIAL ELDORADO

CNPJ nº 61.288.874/0001-80 - NIRE 35.300.035.178
EDITAL DE CONVOCAÇÃO - ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA
Ficam convocados os Senhores Acionistas da S/A Agro Industrial Eldorado (“Companhia”), na forma prevista no artigo 124 da Lei nº 6.404/76, a comparecerem à Assembleia Geral Extraordinária da Companhia, a ser realizada presencialmente no dia 05 de outubro de 2026, às 10:00 horas, na sede da Companhia, localizada na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, na Rua Alexandre Aliperti, nº 340, 1º andar, Água Funda, CEP 04156-900, para deliberarem sobre a seguinte Ordem do Dia: (i) substituição da Sra. Joseilaine Cristina Bueno ao cargo de Diretora Jurídica, Operacional e de Relação com Investidores da Companhia; (ii) eleição de membro da Diretoria; e (iii) o meio de realização das publicações da Companhia. São Paulo/SP, 24 de setembro de 2026. **S/A AGRO INDUSTRIAL ELDORADO** - Por: Valério Dalla Valle - Cargo: Diretor-Presidente.

GLAZED BRASIL S.A.

CNPJ 53.200.882/0001-03 - NIRE 35300628888
(“Companhia”)
Ata da Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária
1. **Data, Hora e Local:** 12 de agosto de 2026, às 14 horas, na sede social. 2. **Presença:** Totalidade do capital social da Companhia. 3. **Mesa:** Sr. Renato Stefanoni - Presidente; e Sr. João Luiz Marçola - Secretário. 4. **Deliberações unânimes:** 4.1. Aprovar as contas dos administradores da Companhia e as demonstrações financeiras relativos ao exercício social encerrado em 31/12/2025. 4.2. Aprovar a destinação do lucro líquido do exercício social encerrado em 31/12/2025, cujo montante foi de R\$ 9.309.976,48 nos seguintes termos: a. R\$ 275.680,08 destinados a reserva legal; b. R\$ 5.185.542,29 destinados a reserva de retenção de lucros; c. R\$ 3.796.374,90 destinados à compensação dos prejuízos acumulados, oriunda da reserva de lucros; e d. R\$ 52.379,22 destinados ao pagamento de dividendos às acionistas da Companhia, oriundos do lucro líquido do exercício social, sendo devidos R\$ 0,00092 por ação, a ser realizado em durante o exercício social de 2026. 4.3. Aprovar o limite máximo global anual para a remuneração dos administradores de até R\$ 2.770.758,00. 4.4. Aprovar a reeleição dos membros do Conselho de Administração, com mandato de 2 anos, até a realização da AGO de 2028: (i) Renato Stefanoni, como presidente do Conselho de Administração; (ii) Bárbara Regina de Miranda Haschelevici, como membro do Conselho de Administração; (iii) Pedro Guedes Rabelo, como membro do Conselho de Administração; (iv) Raphael Duvivier, como membro do Conselho de Administração; e (v) Arnau Louis Charles Van Coppennolle, como membro do Conselho de Administração. Todos devidamente qualificados na íntegra desta ata. Esta ata foi lida, aprovada e assinada pelos presentes. A íntegra da ata está publicada no endereço eletrônico deste jornal nesta data. Registro JUCESP nº 350.538/26-8, em 18/09/2026. Marina Centurion Dardani - Secretária Geral.





O JORNAL CERTIFICA
AS PUBLICAÇÕES LEGAIS
COM PONTUALIDADE E
TRANSPARÊNCIA, CUMPRINDO
AS NORMAS JURÍDICAS.

AFINAL, O JORNAL É LEGAL.

Fórum da Autorregulação do Mercado Publicitário

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS AGÊNCIAS E VEÍCULOS ESPECIALIZADOS EM PUBLICIDADE LEGAL

JORNAIS DO INTERIOR

ANDOLINI EMPREENDIMENTOS E PARTICIPAÇÕES S.A.
CNPJ nº 49.766.812/0001-31 | NIRE 35.300.610.415
ATA DA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Realizada em 31/07/2026, às 15hs, à Av. Paulista, 1842, cj 178, Torre Norte, São Paulo/SP. Dispensada a convocação, nos termos do §4º do art. 124 da Lei nº 6.404/1976, com a presença de acionistas representando a totalidade do capital social da Companhia. A Presidente Angela Miyako Miyamura e a Secretária Renata Zaniboni deliberaram sobre: (i) apreciação e aprovação das contas finais da liquidação, acompanhadas pelo Balanço de Liquidação; (ii) o encerramento da liquidação e a extinção da Companhia; e (iii) as providências para arquivamento da Ata na JUCESP e guarda dos livros e documentos. Foi deliberado por unanimidade e sem ressalvas: I- Verificou-se a realização do ativo e a quitação integral dos passivos e os acionistas aprovam integralmente as contas finais apresentadas pela Liquidante, reconhecendo que inexistiu saída a ser partilhada entre os acionistas. II- Com a aprovação das contas finais da liquidação, ficam encerradas a liquidação e as atividades da Companhia. III- Fica a Liquidante autorizada a praticar os atos necessários ao arquivamento e à publicação da Ata, bem como promover a baixa da Companhia junto os órgãos competentes e a praticar os atos necessários. A guarda dos livros e documentos ficará a cargo da Presidente. IV- Encerrados os trabalhos, lavrando-se a presente ata, aprovada por unanimidade e assinada pelos presentes. São Paulo, 31/07/2026.

K-24/09





Via Digital Motors

Lucia Camargo Nunes (*)

Golpe do pedágio sem cancela mira quem corre para escapar da multa

A expansão do Free Flow, o pedágio eletrônico sem cancela, trouxe uma onda de golpes digitais: sites falsos, anúncios patrocinados e mensagens com cobranças inventadas. Só a Pedágio Digital, que reúne Motiva, EcoRodovias, CNL e Tamoios, diz ter derrubado mais de 2.500 endereços falsos com seu nome.

O momento favorece os criminosos. O prazo do Contran para regularizar passagens sem multa termina em 16 de novembro. Depois disso, cada passagem não paga pode gerar multa de R\$ 195,23 e cinco pontos na CNH. A pressa é exatamente o que o golpista explora, e a escala é grande: já foram emitidas pelo menos três milhões de multas nesse sistema.

Para se proteger, digite o endereço do site em vez de clicar em anúncios ou links, e confira o domínio na barra do navegador. Desconfie de mensagens que combinem urgência e link de pagamento: a Pedágio Digital diz não enviar cobranças por WhatsApp, SMS ou e-mail. Na dúvida, consulte as pendências direto no canal da concessionária da rodovia ou no aplicativo CNH do Brasil.



Free-flow.

Caoa Changan lança o CS55 com primeira versão híbrida plug-in flex da marca

A Caoa Changan apresentou o novo CS55, SUV médio que a marca quer transformar no seu principal modelo de vendas no Brasil. Os preços vão de R\$ 144.990 a R\$ 189.990.

O destaque é a versão PHEV Flex, primeiro híbrido plug-in flex da história da Changan e com estreia mundial

no Brasil, com produção na China. O sistema, desenvolvido em 24 meses por cerca de 140 engenheiros brasileiros e chineses, aceita etanol, gasolina e recarga na tomada. Ele combina o motor 1.5 turbo a um elétrico, somando 286 cv. Segundo a montadora, a autonomia total chega a 1.200 km, e o consumo urbano equivalente é de 42,2 km/l.

A outra opção usa o motor 1.5 turbo flex de 180 cv, com câmbio automatizado de dupla embreagem e sete marchas. Essa versão é produzida na fábrica da Caoa em Anápolis (GO).

Entre os destaques estão porta-malas de 525 litros, telas integradas de 24,9 polegadas e assistentes de condução de nível 2+. A garantia é de 7 anos ou 150 mil km, e a bateria da versão híbrida tem cobertura de 8 anos.

A versão Infinity (R\$ 154.990) já está à pronta entrega. A Prime (R\$ 144.990) e a PHEV (R\$ 189.990) estão em pré-venda.



CAOA CHANGAN CS55.

Geely começa a produzir o EX5 EM-i no Brasil

A Renault Geely do Brasil iniciou a produção do Geely EX5 EM-i, SUV híbrido plug-in, no Complexo Industrial Ayrton Senna, em São José dos Pinhais (PR). É o primeiro carro da marca chinesa fabricado nas Américas. O lançamento comercial está previsto para até o fim do ano.

A empresa também confirmou que o elétrico Geely EX2 começará a ser produzido na mesma fábrica em dezembro de 2026.

Para receber os modelos, a unidade da Renault foi modernizada no início deste ano e passou a usar a GEA, arquitetura global da Geely para carros eletrificados. Segundo a montadora, a fábrica agora pode produzir veículos a combustão, híbridos e totalmente elétricos.

A produção local é resultado da parceria entre Renault e Geely firmada em novembro de 2025, que tem como objetivo acelerar a expansão da marca no país e nacionalizar a fabricação de modelos de baixa e zero emissão.

Para Ariel Montenegro, presidente da Renault Geely do Brasil, o início da produção é um marco histórico. Jianjun Chen, diretor comercial da Geely, afirmou que o Brasil é um mercado-chave na estratégia global da marca, que também está ampliando sua rede de concessionárias.



Geely EX5 EMi.

Hyundai muda comando comercial

A Hyundai reorganizou sua estrutura comercial. A partir de 21 de setembro, Gerardo Carmona assume como COO e passa a responder por toda a operação comercial no Brasil e nas Américas Central e do Sul, sem deixar produto e marketing. Na marca desde 2022, ele já foi CEO da Peugeot no México.

Já Marcos Fonseca, que comanda a fábrica de Piracicaba (SP), muda de título: passa de COO a CMO (diretor de manufatura).

(*) - É economista e jornalista especializada no setor automotivo, editora do portal www.viadigital.com.br e do canal [@viadigitalmotors](https://www.youtube.com/@viadigitalmotors) no YouTube. E-mail: lucia@viadigital.com.br

Falta de especialistas em recuperação judicial vira novo risco para empresas em crise

Recorde de companhias em reestruturação expõe gargalo técnico em área que exige negociação com credores, leitura financeira e estratégia jurídica

A recuperação judicial envolveu 2.466 CNPJs em 2025, alta de 13% e maior volume da série histórica da Serasa Experian. No primeiro trimestre de 2026, o Monitor RGF apontou novo recorde no estoque de companhias em reestruturação, com 5.931 empresas em processo aberto no país.

O avanço, puxado por crédito mais restrito, juros elevados e margens comprimidas, revelou outro entrave para negócios em crise: a falta de profissionais preparados para conduzir processos complexos de reorganização.

O alerta é de Marcos Pelozato, advogado, contador e empresário com 14 anos de atuação em reestruturação empresarial e recuperação judicial. Segundo ele, o aumento da procura pelo instrumento legal não foi acompanhado, na mesma velocidade, pela formação de especialistas capazes de avaliar a viabilidade econômica das empresas, negociar com credores e estruturar planos sustentáveis de pagamento. “A recuperação judicial não depende apenas de uma medida jurídica. Ela exige diagnóstico financeiro, leitura contábil, estratégia tributária, negociação e capacidade de reorganizar a operação. Quando falta esse conjunto, o processo começa fragilizado”, afirma.

A recuperação judicial, prevista na Lei nº 11.101/2005, permite que empresas em dificuldade renegociem dívidas sob supervisão da Justiça, com o objetivo de manter a atividade econômica, preservar empregos e evitar a falência. Na

prática, porém, especialistas afirmam que muitos pedidos chegam ao Judiciário quando o caixa já está deteriorado, os credores perderam confiança e a empresa deixou de ter previsibilidade para cumprir novos compromissos.

Para Pelozato, esse atraso está ligado tanto à resistência dos empresários em admitir a crise quanto à escassez de orientação técnica nas fases iniciais do problema. “O empresário costuma procurar ajuda quando as execuções já se acumulam, o crédito secou e os fornecedores reduziram o prazo. Nesse ponto, ainda pode haver saída, mas a margem de negociação é menor. A recuperação judicial precisa ser tratada como estratégia de preservação do negócio, não como último suspiro antes da falência”, diz.

O gargalo profissional também afeta credores, bancos, fornecedores e investidores. Um plano de recuperação mal elaborado pode alongar disputas, elevar custos, reduzir a previsibilidade de pagamento e diminuir a chance de reestruturação efetiva. Segundo o Diário do Comércio, com base no Monitor RGF, 29% das empresas que encerraram a recuperação judicial no primeiro trimestre de 2026 tiveram a falência decretada.

A complexidade do tema exige atuação multidisciplinar. Além do domínio jurídico, profissionais da área precisam compreender fluxo de caixa, endividamento bancário, passivo fiscal, garantias, capital de giro, estrutura societária e capacidade real de geração de receita. Sem essa leitura integrada, a recuperação corre o risco de se transformar em um processo formal sem efeito concreto sobre a operação.

“Não basta conhecer a lei. É preciso entender a empresa por dentro. Muitas vezes, o problema não está em uma dívida isolada, mas em uma estrutura inteira que perdeu eficiência. Se o plano não conversa com a realidade do negócio, ele não se sustenta”, afirma Pelozato.

A falta de especialistas pesa principalmente sobre empresas de pequeno e médio porte, que costumam ter menos acesso a assessorias estruturadas e menor maturidade de gestão. Esses negócios, quando entram em crise, enfrentam dificuldade para mapear dívidas, organizar documentos, revisar contratos e apresentar informações consistentes aos credores. O resultado é um processo mais vulnerável a impugnações, atrasos e perda de valor.

Para o especialista, a formação de profissionais em recuperação judicial tende a se tornar uma demanda crescente nos próximos anos, especialmente entre advogados, contadores e consultores empresariais. “O país tem muitas empresas endividadadas, mas ainda tem pouca gente preparada para conduzir reestruturações com profundidade. Formar especialistas nessa área não é apenas uma oportunidade de mercado. É uma necessidade econômica”, diz.

Na avaliação de Pelozato, ampliar a base de profissionais capacitados pode melhorar a qualidade dos processos e aumentar as chances de preservação de empresas viáveis. “Quando uma companhia consegue se reorganizar, ela mantém empregos, contratos, fornecedores e arrecadação. Quando falta preparo técnico, todo o ecossistema perde valor. A recuperação judicial bem conduzida não salva apenas uma empresa. Ela protege uma cadeia inteira”, conclui.

Proclamas de Casamentos

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL

3º Subdistrito - Penha de França Albert Broday Rodrigues - Oficial do Registro Civil

Faço saber que os seguintes pretendentes apresentaram os documentos exigidos pelo Art. 1525, do Código Civil Atual Brasileiro e desejam se casar:

O pretendente: **MAICON ALICRIN DA SILVA**, profissão: professor, estado civil: solteiro, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 27/01/1996, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de Paulo Sergio da Silva e de Luzia Alicrin da Costa. A pretendente: **ROSANA XAVIER SOUZA**, profissão: professora, estado civil: solteira, naturalidade: Piatã, BA, data-nascimento: 14/08/1992, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Urcino Pina de Souza e de Ana Rosa Xavier Souza.

O pretendente: **MARCOS ROBERTO LIMA PACHECO**, profissão: empresário, estado civil: divorciado, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 18/02/1969, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de José Pacheco Junior e de Maria Gonçalves Lima Pacheco. A pretendente: **VANDERLUCE BATISTA DA SILVA**, profissão: psicopedagoga, estado civil: solteira, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 18/09/1972, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de José Batista da Silva e de Maria de Lourdes da Silva.

O pretendente: **AILSON FERNANDES CAMILO**, profissão: servente, estado civil: solteiro, naturalidade: Santo Antônio, RN, data-nascimento: 21/09/1999, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de José Arlindo Camilo e de Ivane Fernandes Camilo. A pretendente: **TAINA JOAQUIM DA SILVA**, profissão: do lar, estado civil: solteira, naturalidade: Natal, RN, data-nascimento: 06/09/2004, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Bento Justino da Silva e de Gerlane Israel Joaquim.

Se alguém souber de algum impedimento, oponha-se na forma da lei. Lavro o presente, para ser afixado no Oficial de Registro Civil e publicado na imprensa local
Jornal Empresas & Negócios

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL

33º Subdistrito - Alto da Mooca ILZETE VERDERAMO MARQUES - Oficial

Faço saber que os seguintes pretendentes apresentaram os documentos exigidos pelo Art. 1525, do Código Civil Atual Brasileiro e desejam se casar:

O pretendente: **RENATO DE MORAES SENNA FALCHI**, estado civil solteiro, filho de Sergio Ricardo Senna Falchi e de Rosemeire de Moraes Senna, residente e domiciliado neste Subdistrito, Alto da Mooca - São Paulo - SP. A pretendente: **LUANA BEZERRA SILVA**, estado civil solteira, filha de José de Nazaré dos Santos Silva e de Antonia Gomes Bezerra Silva, residente e domiciliada neste Subdistrito, Alto da Mooca - São Paulo - SP.

A pretendente: **NÁDIA CAROLINE PANNARONI SOBRINHO**, estado civil solteira, filha de Juarez Antonio Sobrinho e de Roseli Pannaroni Sobrinho, residente e domiciliada neste Subdistrito, Alto da Mooca - São Paulo - SP. A pretendente: **VICTORIA LOSSO OHANA**, estado civil solteira, filha de Mauro Tsucassa Ohana e de Cyrlene Emma de Toledo Losso Chama, residente e domiciliada neste Subdistrito, Alto da Mooca - São Paulo - SP.

Se alguém souber de algum impedimento, oponha-se na forma da lei. Lavro o presente, para ser afixado no Oficial de Registro Civil e publicado na imprensa local
Jornal Empresas & Negócios

Aos 18, ela apostou R\$ 60 mil; hoje lidera um negócio presente em todo o Brasil

Karine Strapazzon mostra como visão estratégica, capacidade de adaptação e liderança impulsionaram uma empresa que completa 17 anos com mais de 1.100 pontos de venda

Empreender no Brasil nunca foi simples. Para as mulheres, o desafio costuma ser ainda maior: além de abrir e manter um negócio, muitas precisam conciliar a liderança da empresa com a maternidade, a gestão da casa e a constante necessidade de provar competência em ambientes historicamente masculinos.

Os números mostram que essa realidade vem mudando. Hoje, as mulheres representam cerca de 34% dos empreendedores brasileiros, segundo o Sebrae, e mais de 10 milhões de brasileiras estão à frente do próprio negócio. Grande parte delas começou a empreender por oportunidade, transformando conhecimento técnico e experiências pessoais em empresas capazes de gerar emprego, renda e inovação.

É nesse cenário que a história da Arsie ganha relevância. Neste mês, a marca de beachwear completa 17 anos e celebra uma trajetória que começou quando Karine Strapazzon tinha apenas 18, investindo R\$ 60 mil economizados pela família para comprar máquinas de costura e produzir sua primeira coleção.

Sem experiência empresarial, investidores ou linhas de crédito, Karine apostou em uma necessidade que conhecia profundamente: criar biquínis para mulheres reais.

“Eu nunca tive um corpo padrão e sentia falta de biquínis que me valorizassem. A Arsie nasceu desse desejo de criar modelos que trouxessem beleza, conforto e confiança para todas as mulheres.”

Dezessete anos depois, aquela pequena operação se transformou em uma empresa presente em mais de 1.100 pontos de venda, com fábrica própria em Guaporé (RS), capacidade



Karine Strapazzon, Fundadora da Arsie.

produtiva de 800 mil peças por ano e expansão para mercados como Paraguai, Bolívia e Caribe.

O empreendedorismo feminino deixou de ser exceção

Durante muito tempo, o empreendedorismo feminino foi associado à necessidade financeira. Hoje, especialistas observam um movimento diferente: mulheres criam empresas a partir de propósito, inovação e identificação de lacunas de mercado.

No caso da Arsie, a oportunidade surgiu justamente da ausência de representatividade no beachwear. Enquanto o setor priorizava um único padrão estético, Karine enxergou valor em desenvolver modelagens inclusivas, com conforto, sustentação e uma grade que vai do P ao 52, sem separar visualmente linhas slim e plus size.

Para ela, essa leitura do consumidor é uma das maiores competências de quem empreende.

“A gente costuma achar que empreender é ter uma grande ideia, mas, na prática, é aprender a observar pessoas. Muitas das nossas melhores decisões nasceram da escuta das mulheres e não de tendências de mercado”, afirma Karine.

Liderar também muda quando a mulher se torna mãe

Se abrir uma empresa já exige reinvenção constante, tornar-se mãe adiciona uma nova camada à liderança feminina. Diversos estudos sobre mercado de trabalho mostram que a maternidade ainda impacta diretamente a carreira das mulheres, seja pela redução de oportunidades, pela sobrecarga de cuidados ou pela necessidade de reorganizar completamente a rotina profissional.

Karine afirma que viver a maternidade transformou também sua forma de gerir pessoas e tomar decisões.

“Depois que me tornei mãe, deixei de acreditar que liderança é estar em todos os lugares o tempo inteiro. Passei a construir uma equipe forte, delegar mais e entender que crescer também significa confiar nas pessoas.”

Segundo ela, a maternidade não diminuiu sua ambição empresarial — apenas mudou a maneira de alcançá-la.

“Hoje eu sou uma empresária mais estratégica. Aprendi que produtividade não é trabalhar mais horas, mas tomar decisões melhores.”

Crescer sem perder identidade

Em um mercado altamente sazonal como o da moda praia, sobreviver por 17 anos talvez seja tão significativo quanto crescer. Em

2024, a Arsie encerrou sua operação de lingerie para concentrar 100% dos investimentos no beachwear, movimento acompanhado por um rebranding completo e pela ampliação das linhas masculina, teen e de natação.

A decisão reflete uma característica comum às empresas lideradas por mulheres que alcançam longevidade: a capacidade de adaptar o negócio sem abandonar seu propósito.

Hoje, além da presença nacional, a marca projeta aumentar o faturamento em 15%, chegar aos 27 estados brasileiros e ampliar sua atuação na América Latina.

Um legado que vai além da moda

Ao completar 17 anos, a Arsie celebra um marco empresarial, mas também uma transformação no próprio significado de empreender. O negócio criado por uma jovem de 18 anos deixou de vender apenas moda praia para construir uma marca baseada em autoestima, inclusão e inovação.

Para Karine, o maior resultado não está apenas no número de peças produzidas ou nos pontos de venda conquistados.

“Quando olho para esses 17 anos, vejo muito mais do que uma empresa que cresceu. Vejo mulheres que construíram essa história comigo. Temos colaboradoras que estão na fábrica há mais de 10 anos, que entraram jovens, formaram suas famílias, cresceram profissionalmente e seguem fazendo parte da Arsie. Esse é, talvez, o nosso maior patrimônio. Empreender nunca foi sobre criar o negócio perfeito, mas sobre construir algo que faça sentido para as pessoas — para quem veste a marca e para quem ajuda a produzi-la todos os dias”, completou Karine.

As donas do capital: a nova liderança proprietária no Brasil

Luciana Barrella (*)

O debate sobre a liderança feminina no Brasil ganha uma nova e decisiva camada quando expandimos o olhar para além da ascensão executiva e do empreendedorismo de subsistência: a propriedade do capital

Verdadeiro divisor de águas na dinâmica econômica ocorre quando a mulher assume a posição de acionista controladora, detendo o equity e respondendo pelo risco patrimonial de grandes operações. A partir do momento em que o controle societário de médias e grandes empresas é exercido por mulheres, as diretrizes sobre investimentos, M&A, governança e transformação de cadeias produtivas ganham uma perspectiva de perenidade e impacto econômico real.

Contudo, a transição para a mesa proprietária traz consigo um desafio singular: a dimensão do isolamento decisório no topo. Enquanto a alta gestão pode compartilhar deliberações com comitês e diretores, a acionista controladora vive a responsabilidade indelegável da palavra final sobre o patrimônio e a reputação do negócio. Decisões estratégicas de grande porte, como captação de recursos, expansões arrojadas ou reestruturações, exigem confidencialidade e criam um cenário onde faltam interlocutores que vivenciem o mesmo nível de exposição de risco. Não se trata de uma questão emocional, mas de um desafio de governança nascido da escassez de pares na mesma altitude de decisão.

Quando a mulher senta à mesa de negociação não para pleitear recursos, mas como alocadora primária de capital, a dinâmica do mercado se transforma. A superação desse desafio exige o fortalecimento de redes de confiança capazes de espelhar essa nova realidade. É preciso ir além

do networking comercial superficial e estruturar ecossistemas estratégicos formados por e para acionistas. Ambientes restritos onde líderes proprietárias troquem inteligência de negócios sobre governança, escalabilidade e preservação patrimonial criam a infraestrutura necessária para respaldar grandes decisões e consolidar a presença feminina na alta esfera econômica.

É nesse cenário que os fóruns de pares cumprem um papel institucional indispensável. Ao oferecer um ambiente sob estrita confidencialidade e isento de conflitos de interesse, esses espaços permitem que acionistas submetam suas teses estratégicas à validação de pares que vivenciam níveis de complexidade equivalentes. O efeito multiplicador na economia é direto: decisões mais refinadas na mesa proprietária resultam em companhias mais resilientes, com maior capacidade de investimento e geração de valor de longo prazo. A sofisticação da gestão individual passa, assim, a compor uma inteligência coletiva capaz de mover os ponteiros do mercado.

Reduzir a presença de mulheres proprietárias à pauta de diversidade é ignorar a dinâmica do capital real no Brasil. O país conta com uma força expressiva de empresárias no comando de operações robustas, com impacto direto na geração de empregos e na alocação de recursos. Mais do que incentivo, a consolidação desse protagonismo exige ecossistemas de alta performance que acompanhem a complexidade de seus negócios. Afinal, ao integrar as mulheres à mesa proprietária como donas do capital, a conversa deixa de ser sobre a ocupação de espaços e passa a ser sobre a construção da própria agenda econômica do país.

(*) Chapter Chair São Paulo da Women Presidents Organization (WPO), organização internacional com mais de 25 anos de atuação.

Pix: o “botão de socorro” evoluiu e ajuda a combater novas fraudes

Luis Gonzaga de Paulo (*)

A partir de setembro de 2026, quem recebe um Pix legítimo e tem o dinheiro retirado da conta por uma contestação falsa ganhou mais tempo para se defender: o prazo para contestar essa devolução passou de 30 para 80 dias, conforme a Instrução Normativa BCB nº 766. Agora ele é igual ao prazo que a vítima de golpe já tinha para pedir o dinheiro de volta. Ficou assim: quem enviou um Pix e foi enganado tem 80 dias, contados da transferência, para acionar o banco. Quem recebeu um Pix e sofreu a devolução indevida tem 80 dias, contados da devolução, para contestar.

A mudança envolve o Mecanismo Especial de Devolução (MED), que é o “botão de socorro” do Pix.

Quem cai em um golpe aciona o banco — geralmente pelo próprio aplicativo do banco — e o valor é bloqueado na conta do fraudador. O banco então analisa o caso em até sete dias e, confirmada a fraude, o dinheiro volta total ou parcialmente, conforme o saldo disponível. Mas atenção: o MED não serve para arrependimento de compra, erro de digitação ou desacordo comercial.

O problema é que os criminosos aprenderam a usar o MED para novos golpes. No golpe do “Pix errado”, o criminoso manda um valor para você, liga dizendo que foi engano e pede a devolução, mas passa outra chave de Pix. Depois, aciona o MED alegando fraude, e o dinheiro é retirado de sua conta. Resultado: você perde duas vezes. Comerciantes têm sido

alvo frequente dessa modalidade de golpe.

O cenário preocupa: levantamento recente da Quod aponta mais de 9 milhões de indícios de fraude no primeiro semestre de 2026, 40% deles por engenharia social, ou seja, manipulação da vítima, com falsas centrais de banco, falsos policiais e falsos parentes no WhatsApp. O Pix foi o meio usado em 85% dos casos. Para reagir, o Banco Central lançou, no ano passado, o MED 2.0, que permite seguir o caminho do dinheiro por várias contas, e não apenas a primeira, dificultando o uso de “contas laranja”. Os bancos também passaram a oferecer a contestação direto no aplicativo. Ainda assim, a devolução não é garantida: se o dinheiro já sumiu, não há o que bloquear.

Como se proteger: recebeu um Pix inesperado? Nunca devolva com um novo Pix. Use sempre a função “Devolver” no comprovante da transação, no app do banco. Desconfie de pressa ou de pedidos inusitados: o banco não pede senha, código ou “transferência para conta segura”, e a polícia não cobra Pix ou devolução de dinheiro. Ajuste seus limites para valores mínimos, principalmente fora do horário do comércio (à noite), e jamais “empreste” sua chave Pix ou conta para terceiros.

Se cair no golpe: acione o banco imediatamente — na maioria das vezes isso pode ser feito pelo próprio aplicativo. Guarde comprovantes e conversas, registre um boletim de ocorrência e, se não houver solução, reclame no site do Banco Central. Comerciantes

devem guardar os registros de cada venda para usar no novo prazo (80 dias).

Elembre-se: a mudança da regra ajuda bastante, mas a melhor defesa ainda continua sendo adotar os cuidados mais básicos: conferir os valores, a chave e o nome do destinatário, desconfiar da pressa, devolver pelo botão certo do aplicativo e agir rápido no caso de ser vítima de um golpe. E registrar um BO para auxiliar as autoridades na identificação dos golpes e no combate aos criminosos. Afinal, o Pix veio para facilitar — e muito — a nossa vida, para agilizar e dar tranquilidade, e não para ser causa de mais preocupações e problemas.

(*) Mestre em Computação e especialista em Segurança da Informação, além de coordenador dos Cursos de Ciência de Dados, de Redes de Computadores e de Segurança da Informação na UNINTER.

